

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegouaria) - TEL. 2337-C. - LISBOA

LISBOA, 20 DE MAIO DE 1918

ANO II—N.º 46

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO 1840 | ESTRANGEIRO
SEMESTRE 470 | ANO 3400

NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

COISAS NOSSAS

No nosso meio financeiro e comercial dão-se, ás vezes, factos que bem demonstram o acanhamento de vistas que preside aos nossos altos negócios.

Toda a gente pode reconhecer a utilidade d'uma empresa, d'uma nova industria; mas se alguém tenta promovê-la, reúne-se-lhe á volta um sem numero de pessoas ponderadas e timidas que aconselham a desistencia d'esse intento. É se um audacioso comerciante ou industrial, não dando ouvidos aos conselhos prudentes que lhe atiram, se abalança ao negocio, e triumpho, tem logo atraz d'ele as mesmas timidas pessoas a disputarem-lhe os interesses, estabelecendo um negocio semelhante.

O que se está dando com as Companhias de Seguros, deu-se já com as leitarias e com todos os negocios novos onde alguém ganha uns patacos. Um d'esses casos, e importante acaba de dar-se, e que não deixaremos passar sem o nosso reparo.

A Empresa Nacional de Navegação, como toda a gente sabe, era a mais prospera, a mais bem administrada de todas as nossas grandes empresas.

Dahi, o ser alvo de toda a sorte de más vontades e de odios da parte do commercio africano, que ella servia com a regularidade e correcção que estava nos seus recursos.

A Empresa enriquecia; e não estava nas forças de um só commerciante o fazer-lhe concorrência, sendo necessario a união de muitos e muitos capitães para disputar os interesses a tão poderoso portenhado.

Ha meia duzia de anos, tentaram os

roceiros de S. Thomé organisar uma cooperativa de navegação, á semelhança da *Chargeurs Reunis*, do Havre, que elevados serviços tem prestado ao commercio da grande praça franceza, e que é hoje uma das mais poderosas linhas de navegação transatlantica, nada mais logico, nem de mais seguro exito: a união dos carregadores n'uma cooperativa maritima. Houve reuniões em que foi votada a guerra á Empresa Nacional, ajustou-se no estrangeiro a aquisição de navios; fizeram-se estatutos, programas de viagens e todos os preliminares que antecedem uma grande empresa e... tudo rolou na indiferença, porque a Empresa Nacional, a troco de um miseravel bonus, conseguiu distrair a maior parte dos interessados; e nunca mais se falou na cooperativa.

É justo, porem, dizermos que temos pela Empresa Nacional de Navegação a maior das simpatias, pelo seu progresso, pelo bom nome que tem dado ao nosso Paiz; mas rejubilavamos se, a par d'ella, outra companhia surgisse; pois o nosso commercio teria maior desafogo e maior expansão.

Recentemente a Empresa Nacional resolveu liquidar e transformar-se n'uma poderosa companhia, elevando o seu capital a 9.000 contos, para dar maior expansão ás carreiras colonias, e pôz na praça um avultado numero de accções, dando preferencia a negociantes d'Africa.

O resto já toda a gente sabe. Venderam-se as accções de 100\$00 a 200\$00, e a cada pretendente só coube a insignificancia de 5 % do numero de accções que desejava.

Quer dizer—com o capital que ficou de fóra, formava-se uma nova e poderosa companhia.

Que fizeram os pretendentes descontentes? Correram a reunir-se, na sua qualidade de colonias, a formar uma nova companhia para transportar a sua carga? Nada d'isso. Foram para a porta da Bolsa acoiimar o Banco Ultramarino de faccioso na distribuição das accções...

Com o commercio do Brazil acontece coisa diferente, mas parecida na sua essencia.

Largos anos, o commercio e a colonia portugueza do Brazil reclamaram um banco nacional n'aquella republica. Nunca o conseguiram, apesar de toda a gente reconhecer a sua utilidade e o seu exito. Começam, porem, as sucursaes do Banco Ultramarino a progredir, a difundirem-se, e apparece logo o Banco Portuguez no Brazil, com um consideravel capital inicial.

Um e outro hão-de ter um grande exito, de que a nossa imensa colonia tirará largos proveitos.

E estamos certos de que não fica por aqui, porque se mais bancos se se não fundarem, os já existentes em Portugal, não tardarão em estabelecer no grande paiz irmão novas e profusas sucursaes.

Com a navegação ha-de succeder outro tanto. Os governos desinteressados do magno assumpto, e os capitães retraidos com medo do papão estrangeiro na concorrência, nunca conseguiram estabelecer uma modesta carreira mensal para o Brazil. Mas appareça ella, que depois de duas viagens, á vista do entusiasmo com que é recebida alem-mar, e com a disputa de praça e de passagens, toda a gente quererá ser interessada n'uma empresa maritima; e ellas surgirão com a multiplicidade das novas companhias de seguros.

CONGRESSO HOTELEIRO

O SEU PRIMEIRO ANIVERSARIO

Foi nos ultimos dias de Abril de 1917 que, na sala «Algarve» da Sociedade de Geographia, se realisaram as sessões do primeiro Congresso Hoteleiro, promovido pela Repartição de Turismo. Esse facto, constituindo o inicio d'uma vida nova e d'uma era de progresso para a industria de turismo, fez alimentar a esperanza de que as idéas expostas n'essa assembleia viriam a ser praticamente adoptadas, e seriam executados, sem delongas, os votos expressos entusiasticamente, no sentido de se modificar, por uma forma racional, a industria hoteleira em o nosso Paiz.

E', porem, já decorrido um ano, e constatamos, com infinita magua, que em nada se alterou o que até então se estava seguindo.

Todavia, á reunião d'esse congresso, seguiu-se uma estação de thermas e de banhos, como, talvez, nenhuma outra movimentasse os hoteis portugueses; durante a qual os hoteleiros puderam assegurar-se de que, se tivessem aproveitado os ensinamentos expostos em as diversas theses n'ele apresentadas, não se teriam produzido muitas das reclamações que chegaram até as instancias que, com legitimo direito, deviam superintender directa e immediatamente no serviço dos hoteis, mas que — por uma natural irrisão da sorte — platonicamente tratam de turismo, visto... mais não lhes ser permitido.

Apezar, porem, dos protestos que foram feitos e dos esforços que dentro das suas limitadas forças foram empregados por essas mesmas instancias, para se conseguir, não já uma modificação radical no que respeitava aos serviços hoteleiros, principalmente nas nossas provincias, mas umas sensiveis melhorias cujo beneficio unicamente revertiria para os proprios hoteis, nada, absolutamente, se pode obter.

Ultimamente, a benemerita Sociedade de Propaganda propoz aos proprietarios de alguns hoteis, estabelecidos em pontos de vilegiatura, o seu auxilio material para a instalação de diversos melhoramentos inadivels á exploração dos mesmos, no simples e louvavel intuito de proporcionar aos viajantes uma relativa comodidade, e de evitar o continuo descredito que tanto tem prejudicado — mais do que os interesses dos hoteleiros — os do proprio paiz. Pois a reluctancia com que foram ouvidas essas propostas,

constatou singularmente com o patriotismo que elas reflectiam. Nem o bom senso, nem, tampouco, a comprehensão dos resultados beneficos que adviriam da realização dos projectos propostos, penetraram na dura rocha que compõe o intellecto da quasi generalidade dos hoteleiros portugueses.

Ora, quando assim se procedeu para com uma ação puramente particular que, tendo a caracteriza-la o mais simpatico patriotismo, produzia resultados materiaes do mais eficaz efeito, escusado é tentar novos estimulantes. Só um forte revulsivo poderá fazer organizar o que caminha no mais cahotico estado.

Por isso, é nossa opinião que, em virtude do insuccesso do Congresso Hoteleiro realizado no ano passado, se promovia este ano um Congresso Nacional de Turismo, para se debaterem as diferentes questões que interessam á industria da vilegiatura, e se assentar nas propostas a fazer ao Governo, ou ao Parlamento, para que sejam decretadas, sem demora, as providencias absolutamente urgentes e indispensaveis, sem as quaes o nosso paiz não poderá preparar-se para, terminada que seja a actual guerra mundial, poder receber, manter e atrair os estrangeiros que uma persistente e criteriosa propaganda deverá fazer convergir para aqui.

A par da questão hoteleira, uma das principais para o desenvolvimento da industria de Turismo, outras ha que muito directamente se lhe ligam — como propaganda, viação, portos, alfandegas, lazaretos, etc etc, formando um machinismo cuja ação deve ser superiormente conjugada, para que a sua marcha se faça naturalmente e sem attricos.

Ha que tomar a sério a questão do turismo em Portugal. É uma vez que está no Poder um governo que se propõe cuidar da vida nacional com o zelo e intelligencia que ela merece, é de esperar que lhe agrade e aceite todas as indicações que n'esse sentido lhe forem feitas e se apresse a dar-lhe todo o seu concurso.

Se assim proceder, realisará uma das mais legitimas aspirações e facilitará o exito d'esta lucta, que pela desigualdade actual de forças, acabará por nos aniquilar.

Se não atender aos sagrados interesses que essas indicações tendem a defender, dar-nos-ha ensejo a su-

posições que muito tristemente poderão influir no nosso espirito e muito prejudicialmente resultarão para a nossa querida Patria.

José LISBOA

Fitas portuguezas

No proximo numero começaremos a publicar impressões detalhadas da viagem cinematographica no norte do Paiz por Mr. René Moreou, operador da casa Pathé, de Paris, que teve como interprete e guia o nosso redator principal sr. Guerra Maio, delegado da Repartição de Turismo para esse efeito.

A viagem, que teve inicio em Cintra, e depois se estendeu a Coimbra, Vale do Vouga, Minho, Douro, Serra da Estrela, Batalha, e foi terminar a Evora — a Roma Portugueza — será relatada com todos os motivos interessantes e imprevisos, e ainda com os aspectos curiosos que tem a arte da cinematographia.

Exposição de rosas

No Palacio de Cristal, do Porto, exhibe-se uma muito interessante exposição de rosas, que, como a que o ano passado foi levada a efeito no mesmo local, tem atrahido uma extraordinaria e selecta concorrencia.

Não nos permite infelizmente o espaço de que dispomos fazer-lhe a merecido referencia; mas não podemos, contudo, deixar de registar esse facto, pelo seu valioso significado, e, tambem, por ser um factor que muito contribue para animar a vida citadina.

Exposição de photographias da Serra da Estrela

Dois entusiastas pela Serra da Estrela, os srs. Ramos de Paiva e Dr. Rompana, expozeram no Chiado, em varias montras de lojas de modas, mais de 80 photographias de grande formato, com aspectos pitorescos da Serra da Estrela, entre os quaes abundam as camadas nevadas entre os rochedos.

Ali se tem demorado as atenções de Lisboa inteira, n'uma admiração constante, o que muito irá beneficiar a causa da Serra.

E' esta uma das propagandas mais interessantes e o resultado é sempre vantajoso.

Bem hajam pois os seus promotores.

ARTE E LITERATURA

UM VEIO D'AGUA

DE AFFONSO LOPES VIEIRA

*Era uma vez um veio de agua exiguo
que nascia debaixo d'um penedo:
e o grande, com o seu peso escuro e antigo
assentava sobre elle, bronzeo e quedo.*

*E nunca á luz do sol, o forte amigo,
contar pudera o veio de agua a mêdo;
nem nunca vinha conversar consigo
de ave sedenta o chilrear tão lêdo.*

*Ora, tanto correu, e resignado,
o veio de agua que d'alí brotava
como um cego e um mudo rouxinol,*

*que abalou o penedo alcantilado,
e já era das aves, e cantava,
o veiosinho de agua ao claro sol!*



A VIDA

DE JOÃO DE DEUS

*Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do túmulo descendo.*

*Em se ela anuveando, em a não vendo,
Ja se me a luz de tudo anuveava;
Despontava ela apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.*

*Alma gémia da minha, e ingénua e pura
Como os anjos do céu (se o não sonharam...),
Quis mostrar-me que o bem bem pouco dura!*

*Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que ainda em vida não choraram...*



VERSOS DUM RESIGNADO

DE JOAQUIM DE L. MOS

*Encontrei-te uma vez no meu caminho
e nunca mais tornei a vêr teu rosto:
por isso ando no mundo tão sósinho
carpindo a crua dôr d'esse desgosto.*

*Nunca do Amor a sombra d'um carinho
me deu tenue praser ou leve gôsto
e vejo-me em constante torvelinho,
ã magua, ao sofrimento sempre exposto.*

*Abandonado assim, eternamente,
sem ter um coração que ao meu se prenda,
eis-me por fim incredulo, descrente!*

*Mas quando vejo alguns que teem amado
ao meu pesar cruel faço esta emenda:
— Mil vezes só que mal acompanhado!*

EXPIAÇÃO

DE ELIAS GAVINHO

Luz, mais Luz!
GOETHE.

*N'um carcere maldito, abandonado
Aos espectros da noite, ennegrecido,
Vagueia e geme a alma d'um bandido,
Dum ser feito do Mal, no Mal gerado.*

*Se algumas vezes recordar lhe é dado
Do Crime a horrenda furia em que ha vivido,
Ah quão melhor lhe fôra ter fugido
A dar a vida e calor a um desgraçado.*

*Ser e não Ser... nevoeiro escuro e denso...
Se em cada coisa existe um Deus immenso
Desde a Ignorancia á límpida Verdade,*

*Ó Deus, ó Astro, ó Chamma do Infinito
Tú que és a flôr, o ether o granito,
Illumina de Amor a humanidade!...*

MONUMENTOS NACIONAES

ELVAS

O AQUEDUCTO

DA AMOREIRA

ESCREVEU o ilustre academico Ignacio de Vilhena Barbosa:

«Não oferecem os anaes do nosso paiz outro exemplo como este d'uma

das, 1^{km},638); calculando-se em 450^m a sua parte complementar até a primeira fonte da cidade.»

Monumento notavel, que muitos julgam romano, e outros arabico, e que se deve, não ao povo-rei, nem aos musulmanos, mas ao modesto povo elvense, que por iniciativa propria o construiu, tendo-se, para esse efeito,

por motivo da sua applicação, foi denominado *real d'agua*, e que mais tarde se estendeu a todo o paiz, e ainda existe.

Foi no ano de 1529 que o senado elvense deu começo a esta obra monumental, cuja construcção durou quasi um seculo, pois a 23 de junho de 1622 é que pela primeira vez correu a agua do aqueducto nas fontes da cidade.

A photogravura, que damos, representa o aqueducto ás abas d'Elvas, galgando o nivel entre duas eminencias—a da Esquina e a de S. Francisco—elevando-se a 31^m,10, em quatro ordens d'arcadas sustidas por fortes gigantes.

O grandioso aqueducto, além de na cidade provêr oito fontes, abastece o grande deposito da *Cisterna militar*, que é de uso publico durante o estio—reservatorio que tem a capacidade de 2.320 metros cubicos, e que foi construido em 1650.

Por decreto de 16 de junho de 1910, publicado no *Diário do Governo*, n.º 136, de 23 do mesmo mez, foi o aqueducto da Amoreira considerado monumento nacional.

O CASTELO D'ELVAS

Não ha exactas noticias sobre a sua primitiva construcção: prova evidente da sua muita antiguidade. Ocupando o cume do monte em que a cidade está edificada, presume-se que teria sido um castro, que os phenicios, ou

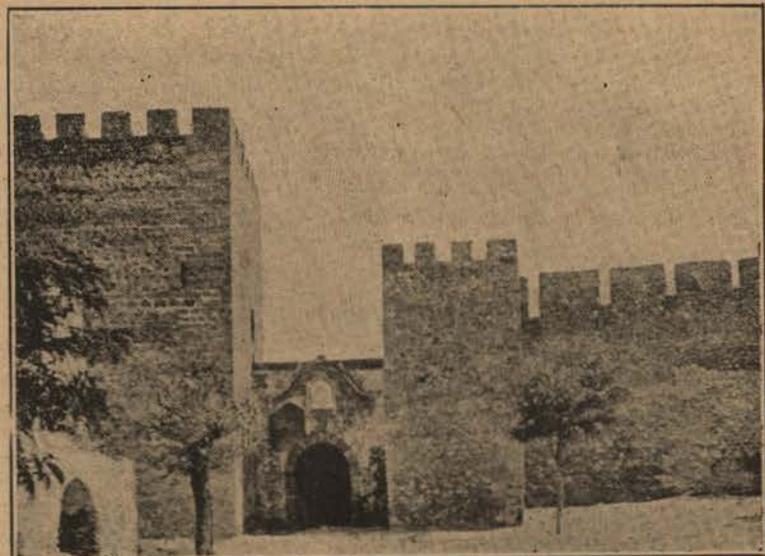


ELVAS—O AQUEDUCTO DA AMOREIRA

Camara, pobre de rendimentos, e sómente rica d'amor da patria, emprender por sua iniciativa e proprio esforço uma obra tão colossal sem auxilio pecuniario do governo, nem do bolsinho do soberano, apelando unicamente para a boa vontade do povo d'Elvas, então vila de 2.^a ordem.

«E' sem duvida muito louvavel o pensamento d'abastecer uma povoação de boa agua, condição essencial do seu engrandecimento, e até da sua propria existencia. Porém, o que é verdadeiramente admiravel é a ousadia de meter hombros á construcção d'um aqueducto tão grandioso, dispondo de tão poucos meios, e a perseverança com que levaram ao fim essa dispendiosissima obra, sem que lhes esmorecesse o animo em tão longa serie d'anos de trabalhos.»

E' o aqueducto chamado *da Amoreira*, por começar no sitio d'este nome. O seu desenvolvimento, desde a nascente principal até que entra nas fortificações de Elvas, é de 7^{km},054 (em galerias subterraneas, 1^{km},367; a nivel do terreno, 4^{km},049; e em arca-



voluntariamente imposto o tributo d'um real em cada canada de vinho, e em cada arratel de carne e de peixe que se consumisse em Elvas—imposto que

EVORA—O CASTELO

carthaginezes, aproveitaram e transformaram, soffrendo depois sucessivas alterações sob o dominio dos romanos

e dos sarracenos. Que já existia o castelo quando D. Sancho II conquistou Elvas, é facto averiguado. E não falta quem afirme a existencia do mesmo castelo no ano de 1208, dando-o como conquistado n'esse ano por D. Sancho I, e tornado ao senhorio dos sarracenos, recuperado por D. Sancho II em 1226. Tres anos após a conquista, mandou este monarcha restaurar as fortificações d'Elvas, e a povoou de novo, concedendo-lhe os mesmos privilegios de Evora. Varias obras se effectuaram no castelo durante os seguintes reinados, até D. Manuel I, passando, em seguida, e pelas «Ordenações Manuelinas», o encargo d'essas obras para os alcaides-móres. D. Diniz fez-lhe grandes restaurações e acrescentamentos: um torreão ou cubelo, que olha ao sul, ainda conserva, em parte, o typo architectonico mili-

móres servia para cadeia, acham-se em bom estado, não succedendo assim a quasi todas as outras dependencias, que se encontram arruinadas.

Por decreto de 27 de setembro de 1906 foi o castelo d'Elvas considerado monumento nacional.

Alguns visitantes d'aquella monumento têm lamentado que n'ele se não haja procedido a restaurações, esquecendo que o nosso dever para com as gerações futuras, é conservar os monumentos, sem profanal-os. Diz um

ilustre archeologo: Um monumento arruinado é um ser vivo no periodo da sua velhice; um monumento restaurado é um cadaver. Uma restauração equivale a um assassinato. Não ha a fazer com os monumentos senão o que fazemos comnosco mesmo: cuidar da sua conservação, prevenil-os contra os accidentes, prolongar quanto possível a sua vida, e, quando lhes chega a sua hora, deixal-os morrer e resignarmo-nos.

A. T. PIRES

NA REGIÃO DA BEIRA BAIXA

ASPECTOS INTERESSANTES

É a Beira Baixa, sem duvida alguma, uma das mais privilegia-

das ao delicado das suas verdes pradarías, ela se nos apresenta, ora delicada e poetica, ora cyclopica é imponente, mas, sempre um delicado

conjunto de aspectos que a individualizam entre as suas lindas irmãs, que fazem da terra portugueza um dos mais bellos torrões europeus.

As estradas, por sinal, as mais



tar d'aquella tempo. A porta principal do castelo era defendida por duas torres, de figura quadrada, de fabrico simples; e D.

João II, em 1488 entre outros melhoramentos, mandou reconstruir uma d'essas torres, a da parte direita, dando-lhe maior ambito, mais resistencia e outra elevação, fazendo d'ela o logar forte por excelencia—a torre de «menagem»—o ultimo reducto do alcaide-mór e dos defensores. Esta torre, assim como o adarve, a carcova, ou porta falsa, e uma vasta quadra abobadada que na epocha dos alcaides-

das provincias portuguezas, pelos seus multiplos encantos.

Unindo o grandioso das suas cordi-

lhas ao delicado do paiz, recortando-a n'uma extensa rede de apertadas malhas, cujos nós são pitorescas povoa-



ções, imprimem-lhe um tão delicado recorte, que, observada esta provincia qualquer dos seus muitos pontos culminantes, nos proporciona o aspecto d'uma vasta e polychroma colcha, feita de delicados enquadramentos de paisagens, constituídos pelas suas verdes planícies, pelos seus incomparáveis souts de castanheiros, e pelos seus afamados pomares de admiráveis frutos.

E, se na Beira, algum ponto merece ainda especial referencia, esse é o geralmente conhecido pelo *fundão da Beira*, cujo centro regional é a populosa e rica vila do Fundão.

A cerca de dez quilómetros d'essa Vila, encontra-se a pitoresca freguezia do Alcaide, distante da estação do caminho de ferro, da mesma denominação, perto de um quilometro, e situada n'uma proeminencia da região, que a torna dominante em todo o fundo da Beira, que ela espreita da sua branca torre coroada de uma abobada esférica, a que dá gracioso remate uma cruz de ferro.

D'essa deliciosa aldeia beirã, pelas abertas que os seus multiseculares castanheiros deixam para o largo horizonte de campinas circundadas de serras, disfruta-se a mais deslumbrante vista que os olhos podem desejar.

N'um largo sector, que tem de tão mais de vinte quilómetros, a vista deslumbra-se, poisando encantada, aqui e além, nos multiplices casas, freguezias, logarejos e vilas, emoldurados de pomares e souts, constituindo todo este formoso conjunto, um deleitoso encanto para o espirito, que se compraz na contemplação das maravilhas que Deus, com generosa mão, semeiou sobre o querido torrão da patria portugueza.

Quem estiver no Alcaide, e olhando para o Fundão, prolongar a vista ao longe até á Covilhã, que, cheia de garbo, se empoleira a meia encosta da Serra da Estrela; ou, ainda, passeiar a vista pela profunda e larga planície que em sua frente se estende, vendo alvejar as lindas povoações beirãs da Fatela, Valverde, Alcaria, Pero Vizeu e Caria, sentirá o mais raro encantamento de paisagem, côr e pitoresco, que é dado usufruir-se em espectaculos de tal natureza.

Ainda, a caminho do Fundão, se encontra um lugar pitoresco, curioso, que vale a pena visitar-se, porque nos apresenta alguns preciosos especimens da architectura senhorial e burguesa do seculo XVI. Referimo-nos ao logar das Donas, cheio de tradições fidalgas e galantes, das muitas e preciosas que abundam nas Beiras.

Seguindo ainda o mesmo caminho (estrada do Fundão a Castelo Branco),

e passado o ramal do Alcaide, encontra-se n'uma cota muito elevada, a inflexão da estrada conhecida pela designação da *Portela*, que é, sem contestação, um dos mais lindos pontos de vista de Portugal. Um nascer ou um pôr de sol disfrutado d'esse privilegiado ponto, é espectáculo que nunca se esquece.

Ao chegar-se á Portela, parece que toda a paisagem se transformou, mudando de aspectos, sem nada perder das anteriores belezas. Lá em baixo, quasi junto á linha ferrea, a delicada povoação de Val-de-Prazeres, a que tão bem se adapta o sugestivo nome pelo que tem de bucolica e lindamente pitoresca; e, mais além, seguindo sempre a estrada, a ridente e aristocratica Alpedrinha, a cujas tradições anda ligado um nome de cardeal, que representou um importante papel na nossa terra; os pomares, e, principalmente as larangeiras, imprimem a esta deliciosa estancia um tom de maciesa e de frescura raras. A' esquerda, seguindo a estrada, as vastas planícies da Beira, tendo por horizonte os montes de Penamacôr; á direita, como grandioso pano de fundo, a formidavel serra da Gardunha. E, para que nada falte a este soberbo conjunto de deslumbramento para a vista, passado Alpedrinha, apresenta-se-nos a meia encosta da serra; a linda *silhouete* de Castelo Novo, uma das povoações da região, mais digna de visitar-se.

O que resta das ruínas do castelo medieval, o que ainda existe do edificio municipal manuelino e da velha

praça, com seu pelourinho do seculo XVI, são coisas dignas de serem apreciadas e conservadas como preciosidades architectonicas de consideração e valor. A agua d'esta localidades gosa de merecida reputação como agua de mesa, e é muito conhecida no mercado, com o nome da propriedade em que nasce, chamada Quinta do Alardo.

Se tanto nos detivemos n'este rapido esboço descriptivo, que, á primeira vista, pôde parecer estranho ao nosso proposito, de dar noticia da linda vivenda que se está construindo n'esta privilegiada região, é por que entendemos que, qualquer edificio destinado a habitação, que tenha de construir-se fóra dos grandes centros e em regiões privilegiadamente pitorescas, deve, no seu conjunto, inscrever-se n'esse ambiente local, de fórma logica e por maneira que não prejudique e antes valorise essa região.

O local, na freguezia do Alcaide, onde se está edificando a interessante vivenda, de que publicamos a fachada principal e a perspectiva, é dos mais interessantes da região que acima, e de passagem, descrevemos, e situado n'uma proeminencia ou *monte* conhecido pelo da *Casa Nova*, para tal fim adaptado.

O belo projecto que publicamos é de um dos mais distinctos architectos, o sr. Rozendo Carvalho, bem conhecido pelos seus belos trabalhos dispersos por todo o paiz, a que se vem juntar mais este, que muito o honra, pelo bom gosto artistico de que n'ele dá mais uma prova.

O TURISMO

E OS CLUBS DE DESPORTO

EM todos os campos da nossa actividade encontramos uma falta que todos registam com magua, mas que raramente é combatida. A industria do turismo é um dos ramos em que essa falta mais se tem feito sentir.

A imprensa regista, diariamente, que o nosso paiz se presta excelentemente a essa industria, porque tem admiráveis pontos dignos de apreço. A Propaganda de Portugal na sua patriótica missão, difunde, com habilidade, a valorisação do nosso pitoresco.

A Reparição do Turismo procura, dentro do seu limitado ambito, desenvolver o mais possivel a sua ação.

A «Revista de Turismo» secunda os denodados esforços d'essas duas instancias, promovendo a propaganda

das viagens em Portugal, das nossas originaes belezas e das excepcionais condições do nosso solo.

Tudo, porem, reunido, não estimula os proprios portuguezes a conhecerem o seu paiz!

Ora, as agremiações desportivas tem, até certo ponto, alguma responsabilidade n'essa falta, não diremos de patriotismo que a todo o momento e em tudo se invoca, mas da educação racional pela qual aprendemos a amar a natureza.

Ha anos, ainda, viamos os clubs velocipedicos organizar seus passeios aos arrebaldes; e, se bem que d'aí não passassem, registava-se esse facto como manifestação de propaganda. Hoje, os clubs velocipedicos limitam-se a provas, bem ou mal organizadas.

(não discutimos) quando é certo que podiam promover excursões a pontos distantes, que estão por conhecer da grande maioria dos ciclistas. Havia na antiga União Velocipedica, elementos necessários para a organização de grandes passeios, como os que foram feitas pelo Pedal Excursionista. Sob o ponto de vista turístico, pois, a U. V. P. adornou por completo, deixando de cumprir uma parte essencial do seu papel.

No elemento nautico acontece o mesmo. Lá de quando em quando, dois ou quatro socios de um club vão Tejo acima, em busca de um recreio espiritual, quando, de resto, ninguém melhor do que os clubs nauticos podia difundir o gosto pelas excursões rio acima, onde o espirito tanto se recreia na apreciação dos muitos motivos que se encontram e dos multiplos aspectos que se deparam.

A ação que o Automovel Club tem desenvolvido, tambem não satisfaz cabalmente ás exigencias do verdadeiro turismo.

Porque não estabelecem os clubs ciclistas um programa de excursões, facil de ser executado, de utilidade e de recreio?

Porque não fazem os clubs nauticos planos de passeios pelo nosso magestoso Tejo e não tomam a seu cargo a organização de uma grande digressão anual?

Porque não reúne o Automovel Club os seus socios e não inicia as excursões colectivas por esse paiz fóra?

Todas essas agremiações teem, pelo seu fim, de cuidar d'esse assumpto; porque ir a Valada em guiga, é fazer *sport*; como fazer *sport* é ir fazer o triangulo Coimbra-Penacova em bicicleta; dar a volta ao Minho em *auto*, ou bater a Serra da Estrela a pé.

Esse trabalho, agora, não seria de completa novidade, mas sim a continuação do que se fez ha anos, isto é *persistir* n'uma obra util para o desporto e para o paiz.

Os passeios feitos com organização cuidada, interessariam muita gente que não está ainda nas fileiras do desporto e, assim o recreio seria o melhor estimulo para se ver augmentar o numero de socios dos clubs que tomarem a peito a propaganda do turismo.

O que é triste é estarmos a chamar o estrangeiro para nos visitar, quando somos nós que não conhecemos nem antegamos os encantos da nossa natureza.

T. S.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

DO ESTRANGEIRO

FRANÇA

Syndicatos d'Iniciativa

A patriótica obra encetada pelo «Touring Club de France», para a reconstituição dos Syndicatos d'Iniciativa, e para a organização das Federações dos Syndicatos regionaes, prosegue sob os mais auspiciosos resultados. De toda a parte aqúelle importante Club está recebendo o mais caloroso aplauso e o mais decidido concurso para o proseguimento d'essa grandiosa obra, de que a França ha de, oportunamente, recolher os melhores beneficios. Os seus efeitos registam-se já pela maneira mais entusiastica e por uma forma incontestavel.

Assim, n'uma primeira reunião que se effectou na sede do Touring Club, para se assentar nas bases organicas da federação dos Syndicatos de Iniciativa da Normandia, fizeram-se representar nada menos de dezoito Syndicatos; tendo, igualmente, a Administração dos Caminhos de ferro do Estado, que muito se interessa pelo desenvolvimento do Turismo no Oeste da França, enviado um delegado a essa interessante assembleia.

N'ela foi plenamente aprovada a seguinte moção:

«Os Syndicatos d'Iniciativa do paiz nor-mando, reunidos em Assembleia, na sede do Touring Club de France, reconheceram a urgente necessidade d'estabelecer entre eles uma união que lhes permita estudar a realisação em comum de todas as questões que interessam directamente á organização e ao desenvolvimento do Turismo em toda a região da Normandia.

«Para esse fim, resolvem constituir immediatamente a Federação regional dos Syndicatos d'Iniciativa da Normandia, comprehendendo na sua esphera d'acção as zonas de: Seine-Inferieure, de L'Euve, de Calvados, de l'Orne e da Mancha.»

Seguidamente foi constituída essa Federação; tendo-se procedido á eleição dos membros para a constituição do Comité Federal, cuja sede acha-se provisoriamente instalada no «Touring-Club.»

Ainda no proseguimento da sua obra, esse Club prepara a organização das Federações regionaes dos Syndicatos de Iniciativa d'Auvergne, da Bretanha e do Vale do Rheno, os quaes muito em breve devem achar-se constituídos.

D'esta forma, em pouco tempo a França contará com o mais eficaz e poderoso auxilio para a reconstituição da sua situação economica após a guerra, pelos incomparaveis resultados que ha de extrahir da maravilhosa industria do Turismo.

A experiencia do passado é garantia sufficiente para o bom exito que devera coroar todas as tentativas e iniciativas que n'esse sentido se ensaiem; e por isso, é que n'aquella admiravel nação as questões que importam á industria das viagens são apreciadas com o maior interesse e tratadas com o mais sollicito cuidado.

Os Americanos em França

Um dos assumptos que mais vivamente vem interessando o espirito francez, é o acolhimento a dispensar aos americanos que depois da lucta mundial hão de invadir a

França. Tudo quanto a isso se relaciona está sendo objecto da mais cuidada atenção e do mais aturado estudo.

Os russos—antigos amigos d'essa grande republica latina, hão de vér o seu logar occupado pelos novos amigos da França—os Americanos, o que não é para causar espanto. A Russia perdeu hoje todo o conceito que grangeára á sympathia franceza.

O seu procedimento, na critica situação que ella mesmo creou, não podia permitir á dignidade dos seus antigos amigos, que eles conservassem por mais tempo, enlaçados n'uma mutua amizade, os elos que tinham sido selados com um enthusiasmo esperançoso e que acabam de ser dolorosamente quebrados no mais pungente e critico momento.

Alem d'isso, a Russia desorganizada, so-cializada na sua fortuna, apeada da sua grandeza, já não tem os *Grand-Duques* e os príncipes encantados com que durante alguns annos doirou a vida mundana de Paris.

O seu retorno ao estado primitivo, afastou-a de todo o convívio do mundo civilizado. Por isso, a França renova os seus laços de amizade com os «yankees», captivando-lhes a sympathia e o interesse com a sua mais eficaz diplomacia, certa de que os recursos que puzer em pratica hão de resultar mais que sufficientes para o seu ambicionado fim. E conseguiu-lo-ha sem, talvez, um grande esforço.

A America, actualmente, está cheia d'ouro, producto das condições naturaes do seu solo, da criteriosa applicação das suas artes e da proveitosa expansão das suas industrias; ouro a que os americanos não podem dar sahida, por não terem onde, presentemente, o converter.

A guerra ha de, porem, acabar; e, depois de assignada a paz, não só os reis da finança norte-americana, mas tambem aqueles que teem sabido explorar a situação que atravessamos, hão de querer um repouso physico e uma sensível e agradável distração espiritual que os compense da sua lucta d'agora. E para os francezes, nada ha no orbe que melhor possa satisfazer os caprichos exquisitos dos «yankees» como a excentricidade dos seus desejos e dos seus appetites, do que a França, que tem por capital Paris, capaz de perder todo o mundo *et son père...*

Logo—*il faut les essayer à nouveau*—e assim fazem.

Tudo quanto possa interessar á vida dos americanos, não só na grande capital da civilização, mas n'esse enorme Paiz; desde as questões de maior transcendencia, aos seus diferentes aspectos, e até as mais infinitas subtilidades, é estudado e ensaiado, é debatido e questionado, a fim de que os seus efeitos praticos sejam o directo e immediato complemento da activa e bem orientada propaganda que para esse fim já foi posta em execução.

Um dos pontos que mais interessam os francezes é a instalação dos novos-intimos amigos nos diferentes pontos d'agrément da França, principalmente nas montanhas, nas praias, thermas e estancias de cura pelo repouso. Muitos e variados projectos occupam actualmente a atenção dos que teem a seu cargo a obrigação mais moral do que material de auxiliarem eficazmente—mais ainda: de dirigir com superior auctoridade a reorganização dos serviços de Turismo na grande republica latina, para que o acolhimento a dispensar ao ouro americano seja de forma a estabelecer-se uma secção de grande debito.

ITALIA

Isso sucederá logo que o fumo dos últimos tiros tenha desaparecido por entre os gazes sideraes.

A nós, portugueses, é que nos devia interessar muito particularmente a acção que a França está desenvolvendo para a importação de estrangeiros; mas como já temos um posto d'informações em Paris, nada mais se torna necessário para que os estrangeiros venham a Portugal, porque esse posto de tudo se encarregará.

Essa ideia fez-nos lembrar uma quadra que teve muita voga, quando o «Admator» (navio de guerra—reparem bem) singrou pela primeira vez nas salinas águas do Tejo.

SUISSA

A crise da gasolina

Os efeitos da guerra que maleficamente se tem sentido por toda a parte, não podiam deixar de se repercutir também, na Suíça, que em virtude da sua muito especial situação poderia ser o país mais afectado pelas duras consequências do conflicto europeu, se a verdadeiramente patriótica e criteriosa politica que tem sido seguida não fosse, por assim dizer, inspirada no bem estar comum, e não atendesse, consequentemente a atenuar tanto quanto possível, ao povo hevelico, a pavorosa crise que está actualmente asseoberbando todo o mundo.

Todavia, nem tudo tem sido facil de remediar, e muito especialmente, o que depende das circunstancias alheias, subordinadas, na generalidade, ás consequências do momento. Assim é que, a gasolina que por muito tempo foi forçada quasi por medida, sofreu ainda uma maior reserva na sua distribuição, pelas dificuldades que se pronunciaram no abastecimento dos depósitos suíços com esse util producto.

Um decreto do Conselho Federal, publicado em junho de 1917, determinava que a utilização dos vehiculos movidos por motor a gasolina só era permitida ás pessoas providas d'uma auctorisação, passada pela Repartição da Economia Publica. Porem, para que essa medida tivesse um caracter de parcimoniosa conjugação dos interesses individuais e colectivos, foi nomeada uma commissão especialmente incumbida de fixar, para cada interessado, a quantidade de essencia de que deveria utilizar-se, segundo as condições da sua vida.

Assim se fez e foi seguindo, sem qualquer protesto.

Sucedeu, comtudo, que apesar da mais estricte observancia dos preceitos estabelecidos, os «stocks» da preciosa essencia foram diminuindo vertiginosamente, sem ser possível reabastecel-os; acontecendo depois á maior parte dos portadores da auctorisação concedida pelo Conselho Federal, apenas receberem uma insignificante porção da quantidade que até então lhes eram attribuida.

Em setembro ultimo, foram tomadas novas resoluções, a fim de evitar o esgotamento completo da gasolina. Uma d'elas

consistiu na suspensão das auctorisações que tinham sido concedidas; sendo principalmente atingidas com essas medidas, as que se referiam aos automoveis não classificados como de utilidade publica, industrial ou comercial, e, ainda, uma parte dos necessarios ao comercio e á industria de transportes publicos.

Apesar das violencias que essas resoluções apresentavam, ninguém, então, se insurgiu contra a sua execução; e a nova ordem de coisas foi acatada com a resignação imposta pelas imperiosas necessidades.

Depois de porfiado trabalho d'uma habil diplomacia, os depositos officiaes começaram a reabastecer-se, tendo-se conseguido que actualmente, elles possuam importantes «stock» de gasolina.

Como, porem, a sua distribuição se faz não tão proporcionalmente ás necessidades individuais, como muitos desejavam, visto haver já abundancia d'essencia, mas mais em attenção á defeza dos interesses da nação—que alguns acham exagerada, alvitra-se agora a readopção de medidas que limitem proveitosamente a utilização d'esse producto.

É claro que a gasolina atingiu na Suíça como de resto em toda a parte, um preço bastante elevado; e isso é já um factor a levar em conta no seu aproveitamento. Assim, a sua utilização é forçosamente limitada e certamente influirá nas resoluções que as actuaes circunstancias obrigam o Conselho Federal a tomar.

Isto, porem, mostra que a acção dos açambarcadores é desconhecida n'este país, onde apenas impera o mais puro sentimento patriótico.

Quebra de relações

Em virtude da actual guerra, as associações filiadas na Liga Internacional dos Clubs de Turismo, foram rareando.

Depois de rotas as hostilidades entre a França e a Alemanha, as questões alfandegarias que estavam pendentes entre o «Touring-Club da França» e o «Touring-Club Alemão», de Munich, foram regularizadas por intermedio do «Touring-Club Suíço».

Apesar, porem, de ser uma situação transitória a que caracterisou a tensão de relações entre os dois primeiros clubs, o espirito patriótico sobrelevou-se aos interesses materiaes; e d'esta sorte, o Touring-Club de França denunciou a sua adhesão á Liga Internacional, tendo, também, resolvido estudar a criação d'uma outra liga entre as associações de turismo dos países aliados.

Como está nova situação é especialmente delicada e embaraçosa para a acção das Associações Turisticas dos países neutros, pretende-se arranjar uma plataforma conciliadora dos muitos e multiplos interesses directos da industria do turismo.

É, talvez, esta uma boa occasião para que a Sociedade Propaganda de Portugal faça sentir ao estrangeiro a sua valiosa existencia.

Um dos documentos mais interessantes que ultimamente foram publicados sobre a vida nacional, é o Relatório do Touring-Club Italiano, relativo ao exercicio de 1917.

Esse extenso e elucidativo documento expõe com extraordinaria clareza as phases por que tem passado a vida italiana, durante a presente tragedia mundial, e descreve desenvolvidamente o que tem sido a proveitosa acção do Touring-Club para o nivelamento moral e para fazer refulgir o sentimento que mais caro é aos povos latinos: o da Patria!

Por esse bem elaborado Relatório verifica-se quaõ proveitosa tem sido a sua insistente propaganda quer propriamente nacional, quer especialmente turistica, confirmada por uma forma incontestavel no bom acolhimento dispensado a todas as suas iniciativas, nomeadamente á criação dos novos orgaos jornalisticos «La Sorgenta», e «Le Vie d'Italia».

As diversas edições das cartas de guerra, que tem sido publicadas pelo Touring-Club, a sua sempre interessante Revista e a Guia de viagens em Italia, também edição sua, são publicações que affirmam o mais sã pensamento, a maior noção dos deveres civicos que tem caracterisado o rejuvenescimento do amor patrio a que elas fervorosamente são dedicadas.

Merece, porem, especial menção o cuidado como no referido Relatório são descriptos os problemas que as actuaes circunstancias tem suscitado e, ainda, aqueles cuja resolução ha de fazer-se sentir depois da guerra, como sejam os que se relacionam com a reconstituição das povoações agora arrasadas pelo flagelo guerreiro e, também, das que—embora não directamente atingidas pelos seus efeitos—estão consideradas actualmente como pontos superiores de convergencia para o desenvolvimento da expansão turistica em Italia.

Em resumo: a impressão causada em Italia por esse belo documento foi d'um salutar efeito; representando a coroação dos esforços que o patriótico Touring-Club d'Italia tem denodadamente empregado para bem cumprir a missão que se impoz e que tem sido valiosamente auxiliada e secundada pelos que bem a tem comprehendido.

O TURISMO EM PORTUGAL

Osso prezado colega «O Campeão Regional», do Luzo, transcreveu, em fundo, do seu ultimo numero, o artigo do nosso Secretario, sr. José Lisboa, publicado no n.º 42 d'esta Revista.

Agradecemos essa distincção.

BANCO COMMERCIAL DE LISBOA

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Capital realiado 2.000.000\$

SÊDE: RUA DO COMMERCIO, 102

CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAIZ E ILHAS, E NAS PRINCIPAES PRAÇAS ESTRANGEIRAS, SOBRE AS QUAIS TOMA E FORNECE SAQUES, DÁ ORDENS TELEGRAFICAS E CARTAS DE CRÉDITO.

RECEBE DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO FIXO, ABRE CRÉDITOS EM CONTA CORRENTE E EFECTUA TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS.

Telephones { DILIGÊNCIA ... 159
CONTABILIDADE 3070

LISBOA (Portugal)